

14 OUT
2010
16 JAN
2011

TRIENAL DE
ARQUITECTURA

FALEMOS
DE CASAS

A Trienal parte da casa como representação do habitar, sabendo que uma casa é sempre mais do que o arquitecto dela pensou, porque uma casa é a representação de uma existência, longa ou fátua, breve ou imensa, como as casas de Cavafis. Uma casa é uma representação de uma ideia de pertença, sempre que é uma casa; é uma exudação de quem nela vive, mudando, transformando, modificando, subvertendo o plano.

Assim, falar de casas é falar do permanente conflito entre o desenho e o quotidiano de quem o re-escreve como ocupação. Nesse sentido, o vocativo colhido a Herberto Helder é tomado como uma condição imprescindível da arquitectura, porque esta se joga, em cada momento, como um investimento na tragédia do seu fracasso, às vezes a propósito da sua glória, isto é, da sua apropriação.

O pressuposto da Trienal de 2010, portanto, é este: Falemos de casas, porque elas são o destino da arquitectura na sua versão mais literal, mas também na sua representação metafórica. Acrescentamos: as casas são os transcendentais da arquitectura.

FALEMOS DE CASAS: ENTRE O NORTE E O SUL
MUSEU COLECÇÃO BERARDO
14/10/2010 - 16/01/2011

Co-Produção: Trienal de Arquitectura de Lisboa | Museu Colecção Berardo

Concepção curatorial: Delfim Sardo

Assistente curatorial: Julia Albani

Comissários: Ana Vaz Milheiro, Diogo Seixas Lopes, James Peto, Luís Santiago Baptista, Manuel Graça Dias, Max Risselada, Pedro Pacheco e Peter Cook

No contexto da Trienal de 2010, a exposição *Falemos de Casas: Entre o Norte e o Sul* aponta para uma zona intersticial, algo que fica *entre*. Esse foi o ponto de partida que foi estabelecendo o desenho desta tentativa de efectuar um balanço sobre o habitar contemporâneo a partir de um ponto de vista que é aquele que se pode construir a partir de Portugal; entre o Norte e o Sul das referências da arquitectura portuguesa, entre os pólos da sua topologia plural ou na dicotomia da ambivalência portuguesa. Nesse sentido, a exposição partiu do convite a um grupo de curadores para tratarem diferentes problemas a partir de enfoques geográficos específicos: a Pedro Pacheco e Luís Santiago Baptista, foi solicitado que pensassem a questão portuguesa; a Manuel Graça Dias e Ana Vaz Milheiro, que pensassem as questões do habitar num olhar sobre situações em África – claramente a partir dos países africanos que possuem um passado recente de colonialismo português – e no Brasil; a Peter Cook, que fizesse um périplo pelos países do Norte da Europa (Noruega, Suécia, Finlândia e Dinamarca) para encontrar os desenvolvimentos recentes do habitar nórdico – com toda a carga mítica que a resistência do Norte possui para nós; e a Diogo Seixas

Lopes, para olhar as relações entre a Suíça e Portugal, projecto que ele sabiamente subverteu.

O projecto SAAL e *The House of the Future* foram o ponto de partida programaticamente dado aos curadores como o chão a partir do qual a reflexão lhes era solicitada.

Falemos de Casas...em Portugal

O percurso que estrutura a exposição – ou que lhe desenha o centro topológico – é dedicado a Portugal, na visão concebida por Pedro Pacheco e Luís Santiago Baptista, que encontraram na apresentação de 9 projectos de outros tantos arquitectos o seu mapa provisório. Simbolicamente, poderíamos dizer que a estruturação do percurso que nos propõem parte de uma “ética da recepção” da arquitectura, confrontando permanentemente o ponto de vista do arquitecto com a recepção do seu trabalho por aqueles que vivem o espaço.

Arquitectos representados: **a.s***; **Aires Mateus**; **Álvaro Siza Vieira**; **Atelier Central**; **Eduardo Souto de Moura**; **João Mendes Ribeiro**; **Menos é Mais**; **Pedro Reis**; **Rui Mendes**.

A Ligação Nórdica

O mapeamento das situações do Norte da Europa, com que Portugal mantém uma relação dúplice – simultaneamente distante, mas com um elo marítimo –, foi concebido por Peter Cook, que efectuou um périplo pela Dinamarca, Suécia, Noruega e Finlândia para aí encontrar, na tradição nórdica da madeira, da leveza, da turfa e do mar, um caminho de conexões que o levou a seleccionar oito ateliês, efectuando um mapa provisório e recortado dos caminhos do habitar nórdico.

Arquitectos representados: **ALA Architects**; **Anttinen Oiva Architects**; **Dorte Mandrup**; **Helen & Hard**; **Jensen & Skodvin Architects**, **Mette Ramsgard Thomsen & Karin Bech (CITA)**, **Snohetta AS**, **Tham & Videgård Architects**.

Fronteiras: o caso Novartis

A curadoria da secção que estabelece a relação entre a Suíça e Portugal foi entregue a Diogo Seixas Lopes. A sua opção representa quase um negativo da proposta da exposição, na medida em que se centra sobre três projectos do enorme parque arquitectónico que é a Novartis, em Basileia.

Os edifícios escolhidos (de Siza Vieira, Souto de Moura e Peter Märkli) são, respectivamente, laboratórios e o centro de acolhimento de convidados da empresa farmacêutica suíça, módulos na teia que constitui a cidade dentro da cidade (quase o Estado dentro do Estado) que é o extraordinário campus arquitectónico da Novartis. É essa condição da cidade sem habitantes (mas com trabalhadores, como uma gigantesca colmeia) que Diogo Seixas Lopes propõe – e que encontra uma peculiar expressão nas condições (económicas e técnicas) com que os arquitectos aqui deparam.

Arquitectos representados: **Álvaro Siza Vieira; Eduardo Souto de Moura; Peter Märkli.**

África/Brasil: A Cidade Popular

A exposição termina com um périplo por África e pelo Brasil guiado por Ana Vaz Milheiro e Manuel Graça Dias, centrado em três cidades: Luanda, Recife e Maputo. O projecto dos comissários foi falar da habitação nestas cidades a partir de três planos: a cidade real, informal e orgânica, dos musseques, dos caniços e das favelas, a cidade formal e sitiada dos condomínios, seguros e a-sociais, e a cidade ameaçada, feita da herança fragilizada do modernismo que, nas poéticas de tropicalidade que desenvolveu, aqui encontrou uma liberdade e uma heterodoxia que importa recuperar e reler.

A estratégia de apresentação dos lugares e dos seus protagonistas, o convite a escritores para escreverem pequenos contos sobre as suas cidades encerra um percurso que, organicamente como uma cidade, tenta pensar o habitar – muito mais do que o fetiche do objecto arquitectónico.

Arquitectos representados: **Delfim Amorim; Fernão Simões de Carvalho; João Teles Grilo; José Forjaz; Maria Pancho Guedes; Una Arquitectos.**

**FALEMOS DE CASAS: projecto Cova da Moura
[Concurso para Estudantes de Arquitectura e
Arquitectura Paisagista]**

**A HOUSE IN LUANDA: Patio and Pavilion
[An International Architecture Competition for
Luanda]**

**MUSEU DA ELECTRICIDADE -FUNDAÇÃO EDP
16/10/2010 - 16/01/2011**

Concepção curatorial: Delfim Sardo

Assistente curatorial: Rita Palma

Comissários: Manuel Aires Mateus e João Luís Carrilho da Graça

No contexto da Trienal de Arquitectura de 2010, os concursos que se apresentam em parceria com a Fundação EDP no Museu da Electricidade possuem uma importância nuclear. Em primeiro lugar, a tipologia do concurso representa uma parte muito importante da actividade do arquitecto: os concursos são momentos de grande pressão, mas também do embate com as contingências do real que são específicas da cultura de projecto arquitectónica. Em segundo lugar, ambos os concursos que a Trienal decidiu lançar, nas diferenças de tipologia e âmbito que os separam, possuem uma comum preocupação: são momentos em que se propôs à comunidade arquitectónica pensar sobre questões reais ligadas a problemas de vivência de

lugares específicos.

Esta forma de entender as potencialidades da arquitectura para construir melhores condições de vida resolve-se de forma diferente em cada um dos momentos que deram origem a esta exposição.

No conjunto destes dois concursos, configura-se uma abordagem da arquitectura para o espaço real, para as pessoas e para as cidades reais.

Num certo sentido, são o princípio de percursos, de caminhos de trabalho que se desenvolverão se a energia que as mobiliza contagiar os inúmeros parceiros que envolvem.

FALEMOS DE CASAS: PROJECTO COVA DA MOURA

O concurso Universidades iniciou-se no início do ano de 2009. Era nossa ambição que as escolas de arquitectura inscrevessem, no plano de estudos para o ano lectivo de 2009-2010, uma abordagem do Bairro da Cova da Moura, situado no município da Amadora, a cerca de 10 km de Lisboa. O seu pressuposto é claro e directo: representa a importância reconhecida à componente ética, comunitária e social da arquitectura, à sua capacidade transformadora das condições de vida e à importância do contacto com a realidade na formação dos arquitectos.

Foi neste contexto que se lançou o repto às escolas de arquitectura e de arquitectura paisagista para trabalharem, no âmbito do seu plano formativo, respostas para uma pergunta: como é possível a arquitectura contribuir para melhorar, em concreto, as condições de vida das pessoas deste bairro?

A escolha da Cova da Moura deveu-se a determinantes simples: é um bairro que possui uma história que se cruza indissociavelmente com a história recente de Portugal, com a descolonização e com os movimentos migratórios dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa, sobretudo Cabo Verde. É um lugar intenso, por vezes caótico e socialmente complexo, mas possui uma estrutura urbana que tem construído a sua viabilidade, com uma população que tem desenvolvido formas fundamentais de associativismo que tem construído uma consciência de comunidade – até mesmo uma identidade e uma noção de pertença.

Em caso nenhum, no entanto, o *case study* foi tomado de forma exemplar: o que se pretendeu foi precisamente o contrário, que os alunos desenvolvessem os seus projectos a partir de um envolvimento com a especificidade da situação da Cova da Moura, que tentassem compreender a complexidade olhando-a de perto, mesmo que as suas soluções se viessem a construir à escala macro do território e não à escala micro da intervenção pontual.

Ao longo do ano, os alunos, enquadrados na metodologia de trabalho definida com os seus professores, foram desenvolvendo os projectos. No dia 1 de Julho, reuniu-se o Júri presidido pelo comissário da exposição, Manuel Aires Mateus e composto por Inês Norton de Matos, Lieve Meersschaert (em representação da Comissão de Bairro da Cova da Moura), Augusto Mateus e Diogo Seixas Lopes. Dos 77 projectos apresentados, foram seleccionados os 30 que se expõem.

Chegar à Cova da Moura foi uma enorme surpresa. Eu tinha uma ideia da Cova da Moura fabricada por informação de outras vias, achava que sabia o que era. Na verdade, a minha maior surpresa, à chegada, foi descobrir um bairro que era uma espécie de cidade consolidada, ao contrário da gigantesca periferia que existia à volta. Essa impressão de cidade consolidada, dada pela densidade urbana, parecia transmitir-se à população. E essa foi uma primeira impressão de choque (...).

No fundo, o que se passa na Cova da Moura é que o espaço público que é determinante acaba por ser um espaço que se torna – e ali nós sentimo-lo – precioso. É um espaço de encontro, e sentimos que está verdadeiramente ligado a coisas que são muito reais.

Olhar para um bairro que diz “isto foi uma escolha” é uma grande lição; vemos um bairro que é orgulhoso de si, um bairro que diz “nós somos da Cova da Moura, não somos dali, somos daqui!”

O mais interessante neste concurso foi reconhecer que não sabemos como se actua. Vamos descobrir, partilhar e discutir essas descobertas, principalmente, discutir o que cada um de nós vai encontrar nas respostas.

Manuel Aires Mateus in Catálogo *Falemos de Casas: Concursos*

A HOUSE IN LUANDA: PATIO AND PAVILION

O concurso *A House in Luanda: Patio and Pavilion* é um concurso internacional de contornos também muito simples: em colaboração com a Trienal de Luanda (que apresentará, posteriormente, esta exposição), foi definida pelo comissário do projecto, João Luís Carrilho da Graça, uma tipologia de concurso que desenhava um repto. Pretendia-se encontrar propostas para uma habitação unifamiliar para Luanda de custo reduzido (não mais de € 25.000 de custo de construção) que pudesse fazer cidade a partir da relação entre o interior e o exterior, que respeitasse as especificidades culturais, sociais, económicas e antropológicas de Luanda – uma cidade que, no seguimento de um crescimento rápido e por vezes brutal ao longo dos últimos anos, viu o seu parque habitacional ser absolutamente insuficiente para as necessidades de uma população várias vezes superior às suas capacidades de acolhimento. Os musseques crescem em Luanda como um vírus que alastra pelo tecido urbano, e as periferias enchem-se de condomínios fechados. A cidade necessita de se repensar e refundar.

O concurso acabou por resultar no concurso de arquitectura mais participado alguma vez efectuado em Portugal: 599 propostas oriundas do mundo inteiro, das quais o júri, presidido por Álvaro Siza Vieira e que incluiu Barry Bergdoll, Ângela Mingas, Fernando Mello Franco e o comissário do projecto, João Luís Carrilho da Graça, seleccionou as trinta que agora estão em exposição.

Fundamentalmente, a ideia do concurso era criar condições para que aquela vida se normalizasse, para que passasse a ter infra-estruturas básicas e pontos de apoio que

permitissem que a vida se desenrolasse de uma maneira criativa.

A definição do concurso, essa ideia de ter um espaço exterior, que nos põe em contacto com o céu, e um espaço coberto e fechado são um enunciado fantástico para esta possibilidade de construir casas em Luanda – onde o clima é razoável e onde nós podemos imaginar que a vida se possa passar exactamente assim, entre o exterior e o interior, de uma maneira bastante intensa. O que procurámos com este concurso foi abrir perspectivas e possibilidades. Mais do que gerar imediatamente a construção de milhares de casas, trata-se de imaginar a possibilidade de uma reflexão profunda e que isso poderá permitir às próprias pessoas compreender melhor o problema da habitação, tentar encontrar soluções e resolvê-lo. Todo o conjunto de reflexões e de projectos que foi apresentado para este nosso concurso tem como resultado fundamental, penso eu, essa possibilidade de reflexão, essa possibilidade de abrir perspectivas e de esclarecer aquilo de que estamos a falar, isto é, a possibilidade de construir casas para uma população que precisa delas de uma maneira urgente num país riquíssimo com recursos muito variados.

Espero que este concurso ajude a alterar ou a intensificar a relação entre os arquitectos portugueses e este tipo de problemáticas, não só em África mas noutros continentes. Estamos a olhar para uma cidade que tem um certo tipo de problemas num mundo que está cheio de problemas por todo o lado.

João Luís Carrilho da Graça *in* Catálogo *Falemos de Casas: Concursos*

QUANDO A ARTE FALA ARQUITECTURA: CONSTRUIR, DESCONSTRUIR, HABITAR

MNAC – MUSEU DO CHIADO
15/10/2010 – 21/11/2010

Concepção curatorial: Delfim Sardo

Artistas representados:

Ângela Ferreira; Carlos Bunga; Carlos Nogueira; Catherine Opie; Damian Ortega; Dan Graham; Ed Ruscha ; Fernando Brito; Fernanda Fragateiro; Gordon Matta-Clark; Hans Haacke; Jimmie Durham; John Bock; Jonas Dahlberg; Jorge Macchi; José Bechara; José Pedro Croft; Juan Araújo; Julião Sarmiento; Luísa Lambri; Marcelo Cidade; Marcius Galan; Marepe; Mark Dion; Mateo Lopez; Miguel Ângelo Rocha; Miguel Arruda; Nuno Sousa Vieira; Olafur Eliasson; Rita McBride; Robert Gober; Stan Douglas; Thomas Scheibitz; Thomas Schutte; Thomas Struth; Tom Sachs; Vangelis Vlahos; Wallid Raad/Atlas Group.

Num contexto tomado pela ideia de “arte em geral”, existe uma crença crescente na ideia de cruzamento entre arte e arquitectura, ou seja, na ideia quase generalizada de

que existe um *continuum* entre os dois campos, quase não se podendo, em algumas situações, efectuar uma clara distinção. Porventura, do campo da arquitectura existe também um fascínio pela criação artística, não só pelo enorme potencial de liberdade que os arquitectos reconhecem aos artistas, mas também porque a experimentação é mais directa, pessoal e radical no interior da arte, em experiências que propiciam um permanente cadinho de referências e problemáticas.

Existe, no entanto, uma clivagem determinante: a arquitectura trabalha sobre a realidade do espaço vivencial, e a arte trabalha sobre os mecanismos de representação da espacialidade. Esta diferença, por vezes voluntariamente esquecida por ambas as partes, possui uma potencialidade de equívoco notória em muitas exposições de arquitectura (em que esta se comporta como a reificação objectual da arte transformada em maneirismo), como na prática artística, seduzida pela noção de projecto, agora sem objecto.

Esta exposição é sobre a fala arquitectónica que percorre a arte contemporânea, independentemente das várias motivações que a envolvem: ou como representação do espaço arquitectónico, ou como uso de uma ideia de vernaculidade arquitectónica, ou como fascínio pelo primado do uso e da habitabilidade. Em qualquer dos casos, a conexão que a arquitectura traz ao real – ou à representação do real, que navega no interior das preocupações artísticas é o magnete que alimenta esta permanente relação. Assim, não procurando efectuar um panorama histórico, a exposição move-se pelo interesse mútuo entre ambos os campos, sendo claro que o seu propósito parte da ideia de que a qualidade de um trabalho artístico que usa processos arquitectónicos não é conceptualizável a partir de ferramentas de análise arquitectónicas, mas artísticas, o que, no entanto, não impede que se possa compreender o refluxo que, por vezes, possuem no contexto da arquitectura.

O Festival Temps d'Images apresenta Wall Piece (2000) de Gary Hill como projecto associado da Trienal de Arquitectura de Lisboa.

FALEMOS DE [7] CASAS EM CASCAIS
CENTRO CULTURAL DE CASCAIS
27/11/2010 – 16/01/2011

Concepção curatorial: Ana Tostões

Falemos de [7] Casas em Cascais é um projecto de curadoria focado na produção da arquitectura doméstica. A ideia é a de revelar os dispositivos espaciais, funcionais e paisagísticos de uma concepção feita para responder ao quotidiano da vida privada.

O facto do universo geográfico e social se concentrar em Cascais estimula uma abordagem articulada de acordo com matrizes tão diversas como nostalgia e cosmopolitismo, público e privado, quotidiano e vivências, construção e paisagem,

experimentação e inovação. Cascais é entendido como lugar mágico de pulsão destes valores na contemporaneidade.

Para tal são eleitos 7 casos de estudo de modo que permitem perspectivar o tema como: 1) a casa como programa de experimentação espacial e construtiva; 2) a casa como lugar de projecção da quimera de felicidade; 3) a casa como promessa da “boa vida”; 4) as casas de Cascais no mapa da arquitectura contemporânea.

Partimos do princípio que Cascais tem uma atmosfera feita de casas de excepção e por isso perguntamos porque é que o programa da casa unifamiliar é tão fascinante para arquitectos e porque se concentram em Cascais muitos dos melhores exemplos da contemporaneidade. Os 7 casos de estudo constroem uma rede lançada da “casa portuguesa” ao modernismo, do espírito clássico à modernidade radical, da organicidade e complexidade intensas, à depuração e suspensão na paisagem.

Desenhos, maquetas, instalações e projecções de imagens, são os utensílios desta mostra acompanhados de um livro crítico-reflexivo e de desejadas visitas a alguns dos lugares.

AUDITÓRIO DA CASA DAS HISTÓRIAS PAULA REGO

28 Novembro 2010

15.30h

Módulo 1
Conferência de apresentação
Ana Tostões

7 arquitectos de Cascais

16.00h

Módulo 2,
Mesa Redonda

Cascais lugar de arquitectura: da vilegiatura à contemporaneidade

Graça Correia
Raquel Henriques da Silva
Rui Ramos
Ricardo Carvalho
Moderação: Ana Tostões

17.30h

Módulo 3,
Conferência Keynote Speaker
Barry Bergdoll
The Philip Johnson Chief Curator of Architecture and Design
The Museum of Modern Art

Geller House (1945) e o conceito da casa “binuclear”: uma homenagem a Marcel Breuer e à Exposição “A House in the Garden”, MoMA1949

CONFERÊNCIA INTERNACIONAL
arquitectura [in]]out[política
19 & 20 Novembro
Aula Magna, Lisboa

Curadoria: Claudia Taborda e José Capela

Arquitectura: política + desejo + forma + poder + escala + inclusão = um mundo solidário, equitativo, inclusivo

A arquitectura é uma inscrição política: a edificação é dependente da capacidade económica de quem manda construir; as formas veiculam modelos sócio-culturais e formulam desejo; o poder precisa de se fazer representar e reconhecer-se representado. **A acção dos arquitectos é também politicamente determinada e só o poder é capaz de sustentar experiências de grande escala.**

Qualquer referente de arquitectura democrática (ou democratizante) pode ter a sua génese em contextos de abundância ou de escassez. A arquitectura é uma operação socializante e conseqüentemente argumenta o ideário democrático: **um mundo solidário, inclusivo e equitativo.**

A conferência *arquitectura [in]]out[política* surge como uma oportunidade para **reflectir e debater sobre a arquitectura como instrumento orientador de processos democráticos** e como signo temporal e espacial das suas potencialidades.

Arquitectura e política são *per se* argumento e processo, amplos e abertos. Esta conferência propõe a discussão destes conceitos de forma transdisciplinar e interdependente, num enquadramento centrado em quatro vectores: *política, cidadania, ambiguidade e dispositivo*. Através destes será analisada a operatividade das práticas arquitectónicas enquanto manifesto, lugar, facticidade e função.

POLÍTICA Andrea Cavaletti (Keynote), Markus Miessen, Ricardo Carvalho, Jeffrey Inaba (Moderador)

CIDADANIA Reinhold Martin (Keynote), Jorge M. Jáuregui, Antanas Mockus, J.A. Bandeirinha, Yona Friedman, Joaquim Moreno (Moderador)

AMBIGUIDADE Sarah Whiting (Keynote), Pier Vittorio Aureli, Rem Koolhaas, Jorge Carvalho (Moderador)

DISPOSITIVO Monique Eleb (Keynote), Jonathan Hill, Santiago Cirugeda, Thomas Hirschhorn, Pedro Bandeira (Moderador)

SERVIÇO EDUCATIVO

Estabelecer relações com os diferentes públicos em torno da Arquitectura é um dos principais objectivos da programação da Trienal de Arquitectura de Lisboa.

Neste sentido, a existência de um serviço educativo pluridisciplinar, transversal e integrador de diferenças, torna-se incontornável.

Do ensino primário ao ensino universitário, para um público curioso ou especializado, propõem-se visitas guiadas às exposições, conversas com os comissários, workshops, debates temáticos e uma série de actividades que compõem o programa educativo oficial do evento de 2010.

Mais informações e programa completo em:

<http://www.trienaldelisboa.com/pt/servico-educativo>

CICLO DE CONFERÊNCIAS “ABRIR A PORTA”

21.10.2010 – 21.11.2010

Faculdade de Belas-Artes

Coordenação: Delfim Sardo

Paralelo à exposição “Falemos de casas: Quando a arte fala de arquitectura[construir, desconstruir, habitar]”, no MNAC - Museu do Chiado de 15.Out.2010 a 21.Nov.2010

Uma iniciativa conjunta: do CIEBA - Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, Trienal de Arquitectura de Lisboa e MNAC – Museu do Chiado

Programa

Data/hora	Convidados	Moderador
21.Out.2010 18h30	José Pedro Croft e João Mendes Ribeiro	Delfim Sardo
28.Out.2010 18h30	Fernanda Fragateiro e João Maria Trindade	Helena Barranha
04.Nov.2010 18h30	Ângela Ferreira e Nuno Grande	Isabel Sabino
11.Nov.2010 18h30	Carlos Nogueira e Inês Lobo	Fernando António Baptista Pereira - a confirmar

PROJECTOS ASSOCIADOS

Appleton Square

“Santa Isabel” | Michael Biberstein e Miguel Vieira Baptista com Appleton Domingos
Arquitectos

15.10.2010 – 13.11. 2010

“Templo Dourado” | Empty Cube
16.11.2010

Centro Cultural de Belém

“Escultura Habitável” | Miguel Arruda
14.07.2010 – 31.10.2010

Cristina Guerra Contemporary Art

“Interiores” | Daniel Malhão . Edgar Martins . Fernando Guerra . Filipa César . João
Paulo Feliciano

15-10-2010 – 31.12.2010

Fundação EDP – Espaço Avenida

“A Temporalidade do Espaço” | Carlos Bunga

“Futureland” | **Nuno Cera**
16.10.2010 – 31.12. 2010

Galeria Baginski

“Mauro Restiffe” | Mauro Restiffe

“The Pavilion of Progress/The Pavilion of Fall: Studio Georg Kolbe” | André Romão
19.11.2010 – 08.01.2011

Galeria Pedro Cera

“Futureland” | Nuno Cera
30.09.2010 – 20.11.2010

Marz Galeria

“Haunting Memory” | Ivan Grubanov
13.11.2010 – 30.12.2010

Museu da Cidade

“A Última Luz do Dia” | António Bolota
14.11.2010 – 23.01.2011

Once Upon a Place – Haunted Houses and Imaginary Cities - 1st International Conference on Architecture & Fiction

12 e 13.10.2010 - Auditório 2, Fundação Calouste Gulbenkian

14.10.2010 - Faculdade de Arquitectura, UTL

12, 13 e 14.10.2010 (a partir das 18h) - Museu da Electricidade

COMUNICAÇÃO & IMPRENSA

TRIENAL DE ARQUITECTURA DE LISBOA
Travessa do Alecrim, 1, 1º Esq
1200-019 Lisboa, Portugal
www.trienaldelisboa.com

MARIA SCHIAPPA

mschiappa@trienaldelisboa.com

JOANA CORDEIRO

joana.cordeiro@trienaldelisboa.com

T + 351 21 346 71 94 | 93 112 16 04 | 91 978 31 07

MUSEU COLECÇÃO BERARDO

NAMALIMBA COELHO

namalimba.coelho@museuberardo.pt

T + 351 21 361 12 637 | +351 96 175 0095

FUNDAÇÃO EDP - MUSEU DA ELECTRICIDADE

PAULA VILAFANHA

paulavilafanha@gmail.com

T +351 96 428 63 32 | +351 91 420 11 24

MNAC - MUSEU DO CHIADO

ANABELA CARVALHO

mnac-mc.anabelacarvalho@imc-ip.pt

T +351 213 432 148